

# O papel da pesquisa científica na formação dos profissionais da informação e na harmonização das relações entre Biblioteconomia e Ciência da Informação<sup>1</sup>

Nanci Oddone<sup>2</sup>

A verdadeira prática revolucionária ocorre no nível da produção.  
A verdade não nos libertará, mas assumir o controle da produção da verdade sim.  
(HARDT & NEGRI, 2001, p. 174)

## 1 – Introdução

Não só para os atuais formandos, mas também para aqueles que se graduaram em Biblioteconomia há mais tempo, está cada vez mais difícil compreender as relações que existem entre a profissão que escolheram – e para cujo exercício profissional estudaram em média durante três anos e meio – e o ambiente acadêmico por onde transitam e ao qual desejam retornar em busca de alternativas de aperfeiçoamento que permitam avançar num mercado de trabalho sempre mais e mais competitivo. Com uma origem que remonta, no Brasil, a 1915 (DIAS, 1958; RUSSO, 1966; CASTRO, 2000), os cursos de graduação em Biblioteconomia pouco se modificaram desde os anos 1960 e 1970, quando a maioria conquistou o espaço acadêmico que ocupa hoje. Na última década, porém, quase todas as escolas, faculdades e departamentos que abrigam esses cursos modificaram sua antiga denominação, complementando-a ou substituindo-a pela expressão *ciência da informação*.

Talvez porque esteja associada à idéia de pessoas que “trabalham exclusivamente com livros em um local chamado biblioteca” (BARBOSA, 1998, p. 58), ninguém parece de fato

---

<sup>1</sup> Artigo reformatado para disponibilização na web. Originalmente publicado em: CASTRO, César Augusto (org.). *Conhecimento, pesquisa e práticas sociais em Ciência da Informação*. São Luiz: Edufma, 2007. 228p. p. 63-84.

<sup>2</sup> Prof. Dra. do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia. E-mail neoddone@gmail.com

muito satisfeito com a designação tradicionalmente atribuída a esse profissional, nem mesmo os próprios bibliotecários. No meio acadêmico, por exemplo, e não só no Brasil, tornou-se consenso fazer referência a bibliotecários, arquivistas e outras categorias como “profissionais da informação” (MARCHIORI, 1996; SANTOS, 1996; TARAPANOFF, 1997; ODDONE, 1998; VALENTIM, 2000, 2002, 2004; BAPTISTA & MUELLER, 2004; OHIRA, PRADO & SCHMIDT, 2004; SOUTO, 2005), o que muitas vezes encobre ou dificulta a compreensão de suas funções específicas (BARBOSA, 1998). Como comenta Miranda,

“[...] Na sociedade da informação ou do conhecimento, a tarefa de definir o profissional da informação resulta complexa e até mesmo paradoxal, se considerarmos a ambigüidade com que o termo vem sendo utilizado nas diversas áreas [...] de pesquisa, de ensino e de prestação de serviços à comunidade [...]” (MIRANDA, 2005)

Por outro lado, levando em conta uma conjuntura político-econômica que parece inexorável (HARDT & NEGRI, 2001), é preciso encarar com naturalidade o movimento que o mercado contemporâneo está produzindo, em todos os setores, no sentido de exigir terminologias e qualificações profissionais que acompanhem o ritmo das mudanças introduzidas pelas tecnologias eletrônicas de comunicação no cotidiano das profissões (BARBOSA, 1998). Tradicional empregador da categoria, o governo, por exemplo, têm preferido, nos concursos públicos, abrir vagas com denominações genéricas, pouco usuais ou nitidamente controvertidas – como *analista administrativo*, *documentalista* ou *tecnologista*. Ainda que algumas vezes a ocupação destas vagas não exija a apresentação do diploma de bacharel em Biblioteconomia, seu vínculo com esta profissão não tem sido completamente escamoteado.

A transparência entre o título profissional e as funções e competências que ele abrange é uma questão importante, que envolve estruturas lingüísticas e sociais há muito cristalizadas e que se projeta, ao mesmo tempo, sobre as perspectivas sociais da profissão e sobre seu relacionamento com a área acadêmica. Alguns cursos de Biblioteconomia, por exemplo, na tentativa legítima de se afinarem com a ininterrupta dinâmica da cultura, das tecnologias e do mercado de trabalho, modificaram suas denominações, gerando uma polêmica cuja solução ainda parece distante e inviabilizando, por força da legislação vigente, a filiação de seus graduados ao respectivo Conselho Federal. O mesmo pode ser dito dos recém-criados cursos de graduação em Ciência da Informação que, se acenam com mais modernas e promissoras alternativas de formação e de emprego, acabam por fragmentar as oportunidades, impedindo a identificação dos entrelaçamentos e das afinidades entre os diferentes recortes profissionais e prejudicando a visibilidade da área.

Sem discutir o mérito da corrente que situa a Ciência da Informação entre a Física, a Informática, a Comunicação e a Biologia – resultando da “extensa rede de processos que potencialmente integra ocorrências cósmicas (subatômicas), moleculares, celulares (neurônais), computacionais, humanas e sociais, e demanda uma abordagem ao mesmo tempo unificadora e multiperspectivista” (MARIJUÁN, 1994) – deve-se reconhecer que quando foi introduzida em 1970 no IBBD (Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação), a Ciência da Informação estava decididamente atrelada à Biblioteconomia, à Documentação e ao trabalho especializado com a informação científica (FONSECA, 1962; ODDONE, 2004). É a este campo de problemas que se faz referência, portanto, quando se menciona a “crise” que parece existir no Brasil entre Biblioteconomia e Ciência da Informação, tão bem-percebida pelos estudantes da graduação quanto pelos da pós-graduação. Produzindo um mútuo e progressivo afastamento entre os segmentos acadêmico e profissional nos dois níveis,

esta “crise” pode acabar erguendo barreiras que se tornem mais e mais difíceis de serem transpostas.

Analisando idêntica questão, os americanos Dillon e Norris afirmam, porém, que neste caso a noção de “crise” pode ser melhor compreendida se ela for vista como “indicador de um momento de mudança” ou como “oportunidade para influenciar [...] o futuro da área” (2005, p. 280). Na verdade é exatamente este movimento, este jogo de avanços e de retrocessos que alimenta o milenar desenvolvimento do sistema social de profissões e de saberes (DINIZ, 2001). Para compreender este fenômeno, porém, é necessário observá-lo e documentá-lo sem sectarismo, administrando as contradições entre passado e presente e admitindo o choque entre estes e o futuro. Objetivando sistematizar e esclarecer alguns dos aspectos envolvidos nesta complexa problemática da área, o presente texto orienta sua reflexão a partir de três perguntas às quais procura responder em seqüência:

1. Quem são os profissionais da informação?
2. Que fazem os profissionais da informação?
3. Como formar os profissionais da informação?

O que aqui se defende para proporcionar uma formação profissional mais atual e afinada com o mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, para estimular uma convivência enriquecedora entre Biblioteconomia e Ciência da Informação é a idéia de que os estudantes deixem de ser meros observadores do processo de ensino-aprendizagem para se transformarem em produtores e gestores de seus próprios conhecimentos. Assumindo o papel de sujeitos ativos na construção de seu saber os alunos deixarão de ser receptáculos inertes para se tornarem mestres e condutores de seu crescimento pessoal. Acredita-se que, no âmbito dos cursos de graduação em Biblioteconomia, a prática regular da pesquisa científica seja o mecanismo apropriado ao amadurecimento e à emancipação de profissionais competentes,

providos de senso crítico e determinação, que ajudem a construir pontes entre o exercício profissional e a atividade acadêmica da área.

## **2 – A Questão do Título**

Para saber quem são os “profissionais da informação” é necessário, de início, percorrer com espírito crítico a infinidade de fontes e denominações, autorizadas ou não, que se encontra dispersa na literatura da área. Sobretudo, porém, é preciso examinar a historicidade dos termos disponíveis, situando-os quanto aos aspectos sociais envolvidos. Se o controle bibliográfico da produção intelectual acumulada foi sempre, desde tempos remotos, a preocupação mais relevante na criação das bibliotecas e na implantação de processos sistemáticos de tratamento e organização dos documentos e da informação, as formas de desempenhar esta tarefa se tornaram mais complexas e sofisticadas, exigindo maior especificidade e aprofundamento das nomenclaturas empregadas.

Embora desde 1909 os bibliotecários especializados americanos tenham conquistado seu espaço próprio através da Special Library Association (SHERA & EGAN, 1961), foi entre as décadas de 1940 e 1950, após o definitivo envolvimento dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, que a situação do bibliotecário tradicional veio a se alterar por completo no mundo civilizado. Como assinalou Lydia de Queiroz Sambaquy na época, o bibliotecário

“[...] não poderia continuar a ser apenas um mero arrumador e catalogador de livros, revistas, etc., pelo menos nas bibliotecas técnico-científicas: [...] deveria ser um técnico que entendesse não só de biblioteconomia, mas que tivesse também, pelo menos, sólidas noções gerais sobre o assunto ou assuntos de que tratassem as

publicações sob sua guarda nas respectivas bibliotecas [...]” (SAMBAQUY, 1956, p. 335)

Essa radical mudança de perspectiva só pôde ser operada, a partir das primeiras décadas do século XX, graças à influência exercida pela Documentação, movimento internacional desencadeado em 1895, na Bélgica, por Paul Otlet e Henri La Fontaine. Os princípios da Documentação não só incentivaram a adoção de novas posturas profissionais para o trabalho de controle bibliográfico e tratamento dos recursos documentais e informacionais, mas ajudaram a definir os artefatos que, daquele momento em diante, poderiam e deveriam ser acolhidos nas bibliotecas como itens tão importantes quanto os tradicionais livros (RAYWARD, 1996):

“1. Documento é o livro, a revista, o jornal; é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; é, também, atualmente, o filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica.

2. A Documentação é constituída por uma série de operações distribuídas, hoje, entre pessoas e organismos diferentes. O autor, o copista, o impressor, o editor, o livreiro, o bibliotecário, o documentador, o bibliógrafo, o crítico, o analista, o compilador, o leitor, o pesquisador, o trabalhador intelectual.

A Documentação acompanha o documento desde o instante em que ele surge da pena do autor até o momento em que impressiona o cérebro do leitor.

Ela é ativa ou passiva, receptiva ou dativa; está em toda parte onde se fale (Universidade), onde se leia (Biblioteca), onde se discuta (Sociedade), onde se colecionem (Museu), onde se pesquise (Laboratório), onde se administre (Administração), onde se trabalhe (Oficina). [...]” (OTLET, 1964, publicado originalmente em francês em 1937)

Ainda que similares às do bibliotecário, as funções desempenhadas pelo *documentalista* eram bem mais abrangentes, pois ele também possuía especialização “na literatura técnico-científica, na padronização e uniformização de dados bibliográficos, no estudo da terminologia para controle do vocabulário específico e na utilização de processos de tratamento técnico da informação” (BRASIL, 1994). Por isso, entre as décadas de 1950 e 1960, embora um pouco tardiamente, *documentalista* era a expressão preferida por intelectuais, cientistas e especialistas da área para designar o que hoje se denomina “profissional da informação”:

“[...] A explosão da literatura técnica e científica a que assistimos deu origem a uma profissão nova, a de *documentalista* [...]. O homem de ciência, o erudito e o técnico não acham hoje no bibliotecário a solução para o mais importante de seus problemas: a documentação. [...]” (LASSO DE LA VEGA, 1969, p. 107-108)

Em alguns países europeus – França, Espanha e Portugal, particularmente – onde a influência da língua francesa era mais forte no início do século XX, *documentalista* foi o título que sobreviveu por mais tempo na luta por reconhecimento profissional e social. Nestes países, só muito recentemente cedeu-se à influência da Ciência da Informação de origem americana, como se observa nas comunicações apresentadas durante a recente Conferência “Os profissionais da informação em contexto europeu: perfis, formação, mobilidade”, realizada em Lisboa (ASSOCIAÇÃO, 2005).

Por força da barreira lingüística, a Inglaterra foi, no continente europeu, a principal exceção à expressiva autoridade da Documentação na área biblioteconômica, muito embora o bibliotecário Bradford tenha sido um ardoroso defensor dos princípios otletianos entre os ingleses (BRADFORD, 1961). Na verdade quem ofereceu a maior contribuição britânica à problemática que aqui se examina foi Jason Farradane (SHAPIRO, 1995; BARRETO, 2002).

Sendo cientista industrial, Farradane possuía larga experiência nas dificuldades que os laboratórios de pesquisa enfrentavam para obter informação. Assim, quando em 1953 ele sugeriu que as indústrias deveriam empregar “oficiais de informação” ao invés de bibliotecários, ele estabeleceu um divisor de águas na história da área.

“[...] O oficial de informação é essencialmente um cientista, um pesquisador que [...] se especializou na coleta e na disseminação do conhecimento. [...] Para enfatizar sua correspondência com os cientistas, sugere-se que seria mais adequado se o título profissional fosse ‘cientista da informação’. [...]” (FARRADANE, 1953, p. 328).

A sugestão de Farradane não obteve muita repercussão, no entanto, pelo menos naquele momento. Oito anos depois, porém, ela triunfou, quando nas Conferências do Georgia Institute of Technology de outubro de 1961 e abril de 1962, nos Estados Unidos, a Ciência da Informação foi legitimada por um pequeno grupo de especialistas cuja maior parte era constituída por bibliotecários (GARCIA, 2002). A definição de “cientista da informação” registrada naqueles dois eventos, embora não seja tão esclarecedora, vem sendo continuamente retomada e reforçada, como se buscássemos, num eterno retorno às origens, uma fonte mais pura, mais clara e, portanto, mais segura, para a nossa identidade.

No Brasil, embora a convergência entre Biblioteconomia e Documentação durante a década de 1950 tenha sido fundamental para o sucesso do IBBD e para o fortalecimento da área (ODDONE, 2004), a predominância da cultura americana após a Segunda Grande Guerra fez com que o conceito de “informação” logo fosse incorporado por bibliotecários e cientistas. Como sustentava Fonseca numa comunicação apresentada à Seção T, Informação Científica, da XIII Reunião Anual da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – realizada em julho de 1961, o termo Documentação não representava mais com precisão a atividade profissional dos especialistas da área:



“[...] Com a recente verificação de que não basta organizar documentos [...] sendo também necessário analisar-lhes o conteúdo e deles extrair informações, a palavra documentação tornou-se insuficiente. É preciso substituí-la por informação científica. [...] Essa nova profissão é uma exigência da nossa época [...]. A *informação científica*, como profissão, caracteriza-se [...] [por] atribuições distintas das cometidas ao bibliotecário [...]. Entre bibliotecários e *especialistas em informação científica* [...] deve haver [...] relações [...] [de] independência e harmonia [...].” (FONSECA, 1962, p. 56-57, grifos nossos)

Além do título de “cientista da informação”, cujo reconhecimento se deu pela via dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* inaugurados em 1970, e à parte a já mencionada popularização do termo “profissional da informação”, outras alternativas terminológicas surgidas nos últimos anos, entre elas *analista de informações* (BRASIL, 2002), *mediador de informação* (MORILLO & VERA, 2005) e até mesmo *gestor de informação* (MARCHIORI, 2002; JAMBEIRO & SILVA, 2004) ainda se caracterizam pela escassa repercussão.

Retomando a questão inicial de descobrir quem são os “profissionais da informação” acredita-se que Milanesi tem razão quando reflete que “o profissional especialista em achar a informação de que se precisa, no tempo mais curto, ao menor custo e com maior precisão face à necessidade faz parte de uma *profissão a ser recriada*” (MILANESI, 2005, grifo nosso). Neste sentido parece apropriado afirmar que demonstrando consciência de seu papel nas diferentes esferas do campo ao qual por natureza pertence e posicionando-se como sujeito de seu próprio processo cognitivo, este profissional, qualquer que seja o nome escolhido para designá-lo, terá espaço garantido no mercado de trabalho, certificando as instituições que o formaram, orientaram e titularam.

### 3 – A Questão das Competências

Muitos pesquisadores e alguns órgãos reguladores nacionais e estrangeiros têm procurado responder à pergunta sobre o que fazem os “profissionais da informação”. Tentando esclarecer quais são suas qualificações e competências, o que se pretende aqui é conhecer melhor esses trabalhadores de modo a definir-lhes as necessidades de capacitação e treinamento. A mais recente versão da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), por exemplo, menciona sete tipos de atividade que podem ser desempenhados pelos “profissionais da informação” – englobando bibliotecários, documentalistas e analistas de informações. No entendimento da CBO eles:

- disponibilizam informação em qualquer suporte;
- gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação,
- centros de informação, além de redes e sistemas de informação;
- tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais;
- disseminam informação para facilitar a geração e o acesso ao conhecimento;
- desenvolvem estudos e pesquisas;
- realizam difusão cultural e ações educativas;
- podem prestar serviços de assessoria e consultoria.” (BRASIL, 2002)

A pesquisadora francesa Christiane Volant, por sua vez, trabalha a questão das funções desempenhadas por esses profissionais na perspectiva dos eixos de ação que devem ser articulados para garantir a realização de todas as suas potencialidades. Para a autora, o papel emergente do profissional da informação exige um dinamismo que só pode ser alcançado pela ativação de um amplo inter-relacionamento entre as tarefas a serem cumpridas.

- Eixo metodológico

- assegurar a coerência entre o sistema de informação global e os subsistemas locais, assim como a coerência dos métodos e das ferramentas;
- permitir a elaboração da engenharia documentária;
- Eixo estratégico
  - contribuir para a definição de uma política de informação;
  - participar da reflexão estratégica da organização;
  - criar dinâmicas e contribuir para a inovação;
- Eixo cognitivo
  - contribuir para a resolução de problemas, para a fertilização do saber, para a abordagem interdisciplinar e para o questionamento;
- Eixo pedagógico
  - motivar os atores à utilização das informações;
  - formar os usuários na aplicação dos métodos e das técnicas de pesquisa e de tratamento da informação;
- Eixo tecnológico
  - dominar as ferramentas;
  - adaptar os avanços tecnológicos para um uso apropriado;
- Eixo econômico
  - produzir valor agregado;
  - prestar assessoria às esferas decisórias e operacionais da organização em suas necessidades informacionais;
- Eixo sociocultural
  - contribuir para a autonomia dos indivíduos e para a aprendizagem coletiva;
  - desenvolver uma verdadeira cultura da informação. (VOLANT, 1995)

Como reconhecem muitos analistas, porém, parece haver um largo fosso entre o que se pensa e o que se espera desses profissionais e a atitude adotada pelos mesmos. É quase como se todo o treinamento recebido nos espaços universitários durante os longos anos de estudo não tivessem qualquer utilidade para alterar um sentimento de inércia que se instala e se reproduz, contaminando os ambientes de trabalho (BARBOSA, 1998). Como destaca Danielle Ferreira em cuidadosa e interessante pesquisa:

“[...] O profissional com formação na área de Ciência da Informação é peça-chave para a efetividade no trabalho com o fluxo de informação na organização, só que ele parece estar à margem desse processo, com grande dificuldade para compreender que necessita de novas habilidades e nova postura para enfrentar ameaças e defender seus espaços profissionais nessa nova era [...]” (FERREIRA, 2003, p. 46-48)

Buscando alternativas para superar este estigma e alavancar – tal como proposto por Milanesi (2005) – uma metamorfose na profissão, alguns estudos têm enfatizado a necessidade de proporcionar a esses profissionais um novo tipo ambiente pedagógico. O conceito de “formação centrada em competências”, por exemplo, está vinculado ao

“[...] oferecimento de um espaço para analisar e construir opções educativas mais em acordo com as necessidades individuais e sociais de hoje [...]. Isto vem salientar o impacto que a educação deve causar sobre a atuação dos indivíduos, deixando de constituir apenas um requisito formal em termos de anos de escolaridade e permitindo abordar as relações entre o contexto e as formas de organização do trabalho. [...]” (MORILLO & VERA, 2005, p. 124-125)

É importante assinalar, contudo, que o êxito de qualquer programa de ação educativa não reside apenas no poder de regulação exercido por entidades de classe ou órgãos do Estado. Seu sucesso depende, sobretudo, de uma radical mudança de atitude e esta só surtirá

os efeitos desejados se for realizada concomitantemente em termos coletivos e individuais. Qualquer que seja a resposta oferecida à pergunta sobre o que fazem os “profissionais da informação”, o aprimoramento de suas qualificações passa, em primeiro lugar, pela reformulação de sua visão de mundo.

#### **4 – A Questão da Formação**

A despeito de suas inúmeras especificidades, a questão de como formar os “profissionais da informação” passa primeiro, necessariamente, por exigências de qualificação geral do ensino universitário de graduação no Brasil. Na área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, tal qualificação tem sido objeto dos esforços políticos e intelectuais empreendidos desde a década de 1990 pela ABECIN – Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação. No decorrer desse período uma das contribuições mais significativas oferecidas pela ABECIN foi por certo ter desfraldado a bandeira da necessidade de associação entre o ensino de graduação e a pesquisa científica:

“[...] Com relação às áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, a proposição do ensino com pesquisa vem sendo há algum tempo colocada, especialmente pela ABECIN. Parece que já existe uma percepção quanto à necessidade da articulação ensino-pesquisa efetivar-se nas propostas pedagógicas dos cursos. Contudo, essa exigência pressupõe uma necessária reorganização interna e também que professores e estudantes percebam o significado e a importância da investigação para o processo de formação. [...]” (RODRIGUES & DUMONT, 2004)

Enfatizar a função pedagógica da pesquisa científica pode representar para a graduação um passo ainda mais largo do que aquele que vem sendo dado pelos programas

institucionais de iniciação científica, por exemplo. Desenvolvidos para despertar a vocação científica e incentivar novos talentos entre os estudantes mais promissores, esses programas são sempre muito competitivos e pouco democráticos, servindo mais ao *status quo* do que a iniciativas de formação sistemática de grandes contingentes estudantis. Por outro lado, defender a pesquisa como princípio educativo é vê-la

“[...] como elemento que tornará possível a articulação entre teoria e prática; como forma capaz de possibilitar que o pensar e o fazer se encontrem em uma sintonia dinâmica e contínua; é vê-la como base não somente do trabalho científico mas também como processo de formação educativa [...]” (RODRIGUES, 1998, p. 2)

A vinculação entre a teoria e a prática só produzirá efeitos, contudo, quando estudantes e professores adotarem uma radical mudança de postura em relação a seu espaço e a seus papéis no processo de ensino-aprendizagem. Os professores, por seu lado, devem abandonar, por absolutamente inócuas, quaisquer atitudes paternalistas, reconhecendo o sentido mais profundo da lição pedagógica que está sendo proposta; os alunos, por seu turno, devem assumir o controle de seu percurso cognitivo, capitalizando os sucessos e insucessos de suas experiências e capacitando-se como sujeitos ativos na construção de seu próprio conhecimento.

“[...] na medida em que os estudantes se inserem no processo de produção do conhecimento como atores de uma prática coletiva que supõe compromisso histórico-social, o ensino fundamentado na pesquisa não só contribui para a sua formação como faz com que continuem aprendendo na realidade do dia-a-dia em que exercem sua prática. [...]” (RODRIGUES, 1998, p. 3)

É interessante retomar aqui as palavras citadas na epígrafe deste texto: “a verdadeira prática revolucionária ocorre no nível da produção” (HARDT & NEGRI, 2001, p. 174). Levar

o aluno a enunciar suas próprias hipóteses, a conduzir seus próprios experimentos, a realizar suas próprias observações empíricas e a produzir sua própria argumentação discursiva é levá-lo a assumir o controle da produção de novos conhecimentos. Ao transpor o umbral que mantém apartados, de um lado, o profissional da informação e, de outro, o usuário da informação, o estudante começará a perceber que não deve permanecer passivo, à espera de uma verdade que venha libertá-lo, mas deve colocar-se como agente do sistema de produção de verdades e traçar seu próprio caminho.

Exercendo seu papel como pesquisador e produtor de conhecimento, o profissional da informação poderá enfim se posicionar como usuário da informação. Só então ele compreenderá de maneira integral o comportamento e as necessidades da população a quem ele deve atender no exercício de sua atividade. E só assim poderá entender o valor e a relevância de sua profissão.

## **5 – Considerações Finais**

Conforme se tentou argumentar, parece-nos absolutamente determinante o papel que a pesquisa científica pode desempenhar na formação dos profissionais da informação e na harmonização das relações entre os segmentos acadêmico e profissional do campo de estudos que envolve a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. Apresentando limites às vezes imperceptíveis, a teoria e a prática, como se sabe, são sempre complementares e indispensáveis uma à outra. Na Ciência da Informação, como em outras disciplinas científicas, mesmo as pesquisas orientadas pelo prático e para a prática podem ser úteis à teorização, desde que de seus resultados se procure emular regularidades, discontinuidades e problemas que, saindo da esfera de cada ambiente específico de pesquisa, possam ser

generalizados, operacionalizados e orientados a produzir teorias sempre mais amplas, ou melhor, mais abstratas. É este o trabalho que falta fazer na Ciência da Informação: abstrair os contextos empíricos concretos e particulares e tentar produzir modelos mais genéricos de apreensão do real.

## 6 – Referências

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS – BAD. *Conferência internacional “Os profissionais da informação em contexto europeu: perfis, formação, mobilidade”*. Lisboa, 2005. Disponível em <http://www.goethe.de/ins/pt/lis/prj/iek/ptindex.htm>. Acesso em 05.12.2005.

BAPTISTA, Sofia G.; MUELLER, Suzana P. M. (org.). *Profissional da informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus, 2004. 241p.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Perspectivas profissionais e educacionais em biblioteconomia e ciência da informação. *Ciência da informação*, Brasília, v. 27, n. 1, p. 53-60, jan./abr. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n1/07.pdf>. Acesso em 08.05.2005.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A condição da informação. *Revista São Paulo em Perspectiva*, v. 16, n. 3, p. 67-74, jul./set. 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392002000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000300010). Acesso em 08.05.2005.

BRADFORD, S. C. *Documentação*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 296p.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupações – CBO1994*. Disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/frame-baixo.htm#>. Acesso em 08.05.2005.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupações – CBO2002*. Disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=2612>. Acesso em 08.05.2005.

CASTRO, César Augusto. *História da biblioteconomia brasileira*. Brasília: Thesaurus, 2000. 288p.

DIAS, Antonio Caetano. *O ensino de biblioteconomia no Brasil*: informe apresentado ao I Congresso Brasileiro de Biblioteconomia realizado no Recife, em junho de 1954. Rio de Janeiro: Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado/Serviço de Publicidade, 1958. 36p.



DILLON, Andrew, NORRIS, April. Crying wolf: an examination and reconsideration of the perception of crisis in LIS. *Journal of Education for Library and Information Science*, v. 46, n. 4, p. 280-298, Fall 2005. Disponível em <http://dlist.sir.arizona.edu/1057/01/JELIS.pdf>. Acesso em 12.01.2006.

DINIZ, Marli. *Os donos do saber*: profissões e monopólios profissionais. Rio de Janeiro: Revan, 2001. 192p.

FARRADANE, J. E. L. Information service in industry. *Research*, v. 6, p. 327-330, August 1953.

FERREIRA, Danielle T. Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 42-49, jan./abr. 2003. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652003000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100005). Acesso em 08.05.2005.

FONSECA, Edson Nery da. Informação científica: uma nova profissão. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56-57, 1962.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Conferências do Georgia Institute of Technology e a ciência da informação: “de volta para o futuro”. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 12, n. 1, ago. 2002. Disponível em <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/pdf/IS1210202.pdf>. Acesso em 08.05.2005.

HARDT, Michel, NEGRI, Antonio. *Império*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 506p.

JAMBEIRO, Othon; SILVA, Helena Pereira da. A informação e suas profissões: a sobrevivência ao alcance de todos. *DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação*, v. 5, n. 4, ago. 2004. Disponível em [http://www.dgz.org.br/ago04/Art\\_03.htm](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm). Acesso em 08.05.2005.

LASSO DE LA VEGA, Javier. *Manual de documentación*: las técnicas para la investigación y redacción de los trabajos científicos y de ingeniería. Barcelona: Labor, 1969. 830p. Capítulo X: La documentación: su definición y caracteres, p. 107-116.

MARCHIORI, Patricia Zeni. A ciência e a gestão da informação: compatibilidades no espaço profissional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 72-79, maio/ago. 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652002000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652002000200008). Acesso em 08.05.2005.

MARCHIORI, Patricia Zeni. Bibliotecários, jornalistas e informáticos: a ocupação de posições relativas no campo de atividades de informação. *Transinformação*, v. 8, n. 1, jan./abr. 1996. Disponível em: <http://www.puccamp.br/biblio/marchi81.html>. Acesso em 31.10.2002.

MARIJUÁN, Pedro C. *...so what is information?* In: Introduction to the Proceedings of FIS – Foundations of Information Science, 1994. Disponível em <http://fis.icts.sbg.ac.at/main2.html>. Acesso em 08.05.2005.

MILANESI, Luís. *A formação do informador*. Disponível em <http://cuba.eci.ufmg.br:8088/Bax/Artigos/formacaoDoInformador.htm>. Acesso em 08.05.2005.

MIRANDA, Antonio. *Dois abordagens no processo de definição do profissional da informação*. Disponível em <http://www.antonimiranda.com.br/CInformacao/ApresMiranda.htm>. Acesso em 08.05.2005.

MORILLO, Johann Pirela, VERA, Tania Peña. Nuevos desafíos para la formación del profesional de la información frente al surgimiento de la cibersociedad: un enfoque de competencias. *Investigación Bibliotecológica*, Mexico, v. 18, n. 38, p. 118-139, ene./jun. 2005.

ODDONE, Nanci. *Ciência da informação em perspectiva histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da Documentação (Brasil, 1930-1970)*. Rio de Janeiro, 2004. 146p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT; UFRJ/ECO, 2004. Disponível em <http://biblioteca.ibict.br/phl8/anexos/oddone2004.pdf>. Acesso em 08.05.2005.

ODDONE, Nanci. O profissional da informação e a mediação de processos cognitivos: a nova face de um antigo personagem. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 8, n. 1, 1998. Disponível em <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/pdf/IS819802.pdf>. Acesso em 08.05.2005.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt, PRADO, Noêmia Schoffen, SCHMIDT, Luciana. Profissional da informação no limiar do século XXI: enfoque nos periódicos brasileiros em biblioteconomia e ciência da informação (1995/2002). *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 17, 2004. Disponível em [http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao\\_17/3\\_Profissional.pdf](http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_17/3_Profissional.pdf). Acesso em 08.05.2005.

OTLET, Paul. *Documentos e documentação*. In: DIRETRIZES da documentação. Rio de Janeiro: Departamento Administrativo do Serviço Público/Serviço de Documentação, 1964. 358p. Disponível em <http://www.conexaorio.com/bit/otlet/index.htm>. Acesso em 08.05.2005.

RAYWARD, W. Boyd. *El universo de la información: la obra de Paul Otlet sobre documentación y organización internacional*. Madrid: Mundarnau, 1996. 578p.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. *A pesquisa como estratégia pedagógica para a competência profissional*. Trabalho apresentado no III Encuentro de Directores de las Escuelas de Bibliotecología del Mercosur, 29-31 outubro 1998, Santiago de Chile. Disponível em <http://www.utem.cl/deptogestinfo/extension.htm>. Acesso em 08.05.2005.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. *Possibilidades de articulação entre o ensino e a pesquisa*: proposições da ABECIN. Trabalho apresentado no Workshop Ciência da Informação: Políticas e Estratégias de Pesquisa e Ensino na Pós-Graduação, 11-12 novembro 2004, Niterói. Disponível em <http://www.ancib.org.br/>. Acesso em 08.05.2005.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca, DUMONT, Lígia Maria Moreira. A lógica da organização e distribuição do conhecimento na universidade: implicações no processo de ensino-aprendizagem, em especial, nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. *DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação*, v. 5, n. 2, abr./2004. Disponível em [http://www.dgz.org.br/abr04/Art\\_03.htm](http://www.dgz.org.br/abr04/Art_03.htm). Acesso em 08.05.2005.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. *A biblioteconomia brasileira: 1915-1965*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966. 360p.

SAMBAQUY, Lydia de Q. A profissão do bibliotecário. *IBBD: Boletim Informativo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, p. 335-339, nov./dez. 1956.

SANTOS, Jussara Pereira. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu papel face aos novos tempos. *Informação & Informação*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 1996.

SHAPIRO, Fred R. Coinage of the term *Information Science*. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 46, n. 5, p. 384-385, 1995.

SHERA, Jesse H., EGAN, Margaret E. Exame do estado atual da biblioteconomia e da documentação. In: BRADFORD, S. C. *Documentação*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 296p. p. 15-61.

SOUTO, Leonardo Fernandes (coord.). *O profissional da informação em tempo de mudanças*. Campinas: Alínea, 2005. 104 p.

TARAPANOFF, Kira. *Perfil do profissional da informação no Brasil: diagnóstico de necessidades de treinamento e educação continuada*. Brasília: Instituto Euvaldo Lodi, 1997. 134p.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). *Atuação profissional na área de informação*. São Paulo: Polis, 2004. 191p.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. 152p.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000. 156p.

VOLANT, Christiane. Du système information-documentation au système d'information spécifique pour l'entreprise. *Documentaliste – Sciences de l'Information*, Paris, v. 32, n. 6, p. 296-302, nov./dez. 1995.